

APRESENTAÇÃO

Tendo em vista a continuidade do debate acerca da crítica marxista, temos o prazer de tornar público o nº 20 da *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, que conta com sete artigos. Esta edição congrega uma pluralidade de produções comprometidas com a superação da sociabilidade capitalista.

Os trabalhos desta edição tratam de problemáticas diversas, mas articuladas pela mesma unidade ontológica comum: a compreensão histórica concreta da sociabilidade sob a lógica destrutiva do capital. Os textos aqui publicados demonstram um esforço teórico-prático de lançar luz às formas contemporâneas da barbárie engendrada pela reprodução ampliada do capital, desvelando não apenas a ampliação do sofrimento social, mas também vislumbrando o horizonte teórico da emancipação humana.

Nesse sentido, no artigo *O complexo da educação e a reprodução do ser social*, Regilane Simião Silva, Bárbara C. G. Zeferino e Gisele da Silva Vasconcelos analisam de que maneira o complexo da educação se funda no trabalho, considerado um dos pilares do processo de emancipação humana. Inicialmente, as autoras examinam a educação e suas funções ao longo da história, oferecendo um breve percurso pelos modos de produção escravista, asiático, feudal e capitalista. Em seguida, discutem a forma e a função atribuídas à educação no modo de produção capitalista e seus desdobramentos no processo de humanização de homens e mulheres.

Em *A ideologia como gestora do sujeito e geradora de sofrimento psicossocial*, Izabelle Oliveira Bezerra Lima e Romário Victor Lima de Brito analisam a constituição do sujeito a partir da relação dialética entre subjetividade e ideologia. Dialogando com Marx e Althusser, os autores defendem que o sujeito emerge da tensão entre a singularidade do indivíduo concreto e a interpelação ideológica que o conforma socialmente. Nesse movimento, evidenciam como o sofrimento psicossocial se inscreve nas formas históricas pelas quais a ideologia atua na formação subjetiva.

João Marcos Saturnino Pereira, Francisco Eraldo da Silva Maia e Antonia Solange Pinheiro Xerez investigam, no artigo *Atividades educativas emancipadoras e a educação física*, a possibilidade de desenvolver, no ensino de Educação Física, atividades educativas emancipadoras, mesmo diante da crise estrutural do capital.

Com base em pesquisa bibliográfica ancorada nos pressupostos onto-metodológicos de Marx, concluem que tais práticas são viáveis dentro dos limites impostos pela escola capitalista. Embora não se trate de uma pedagogia sistematizada — inviável nas condições da sociabilidade vigente —, as atividades com caráter emancipador podem se articular, ainda que parcialmente, à luta histórica pela superação do capitalismo, tendo a emancipação humana como horizonte formativo.

No artigo *Reflexões sobre o ensino de Física para jovens populares*, Nairys Costa de Freitas e Mairton Cavalcante Romeu apresentam um relato de experiência vinculado a uma pesquisa de mestrado, cujo objetivo foi analisar o ensino de Física para juventudes populares. A partir da perspectiva da Divulgação Científica e considerando o contexto concreto dos estudantes, os autores desenvolveram um projeto com turmas do 2º ano do Ensino Médio em uma escola estadual de tempo integral, utilizando a Óptica como base para atividades experimentais, aulas expositivas e práticas de astrofotografia. O estudo evidenciou o potencial da Astronomia na aprendizagem científica e revelou o impacto negativo das reformas do Novo Ensino Médio, como a redução da carga horária, a flexibilização dos conteúdos e o esvaziamento curricular.

No esforço de confrontar as análises acríticas sobre as tecnologias educacionais, o artigo *Inteligências artificiais na educação: uma análise crítica à luz do materialismo dialético*, de John Weyne Maia Vasconcelos, apresenta uma reflexão sobre os impactos do uso das Inteligências Artificiais (IA) na educação, à luz do materialismo histórico-dialético. Ancorado nas contribuições de Marx e Engels, o trabalho evidencia que o desenvolvimento tecnológico, embora portador de potencial emancipador, tem sido historicamente apropriado pelo capital para aprofundar a exploração do trabalho. Assim, defende-se que as tecnologias devem ser subordinadas aos interesses da classe trabalhadora e à luta pela superação da sociabilidade capitalista.

No artigo *Cultura e comunicação nos pensamentos críticos de Horkheimer*, Victor Finkler Lachowski realiza uma investigação bibliográfica em obras de Marx, Engels e Horkheimer, com o objetivo de apresentar, de forma didática, como a Teoria Crítica se inscreve na tradição materialista histórico-dialética. O estudo aborda as reflexões desses autores sobre a formação cultural como expressão das determinações materiais e históricas da sociedade capitalista, destacando os conflitos

e contradições inerentes a esse processo. A partir disso, o autor discute a comunicação — especialmente os meios de comunicação — como instrumentos ideológicos atravessados pelas disputas de classe no interior da sociabilidade burguesa.

Encerrando o conjunto de artigos, Iael de Souza, em seu artigo intitulado *A invenção do termo/conceito cultura – passando à limpo*, propõe uma reflexão crítica sobre o conceito de cultura, revelando sua filiação ao evolucionismo cultural eurocêntrico. Defendendo a necessidade de recuperar e atualizar o sentido etimológico da palavra, aproximando-o do ideal de “cultivo/cuidado” presente no humanismo socrático. Ao recentrar o antropológico, propõe revalorizar o social, o coletivo e a alteridade como fundamentos para o desenvolvimento das individualidades. Essa perspectiva se contrapõe frontalmente à lógica neoliberal, marcada pelo esvaziamento do social e pela fragmentação do ser humano.

Ao concluir esta apresentação, ressoa em nossas consciências a advertência de István Mészáros: “a crise do capitalismo é a crise da própria forma social da existência humana”, ou seja, ela atravessa as estruturas econômicas, culturais e ideológicas onde o real se dissolve em aparências reificadas. Assim, a teoria se torna arma na luta emancipadora, não apenas para compreender o mundo, mas para transformá-lo. Por fim, a presente edição reitera a importância do papel da teoria como catalisadora da práxis revolucionária a serviço da superação do capital e que coloque na ordem do dia a emancipação humana.

Os organizadores